

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Wilson Simonal e a Música Popular Brasileira nas décadas de
1960/70.**

Adriane M.Eede Hartwig*

Resumo: A música brasileira, criada a partir de vários estilos e sons, destacou-se nas décadas de 1960/70, pelo fato de alguns artistas a utilizarem para assumir posicionamentos de legitimação, de contestação ao sistema, ou a nenhum destes, criando assim, uma série de discursos e representações que possibilitam conhecer mais sobre esse contexto histórico.

Houve, neste momento, uma significativa criação nas artes como um todo, e, a música brasileira, chamou a atenção da crescente indústria cultural por produzi-la, em função do grande interesse demonstrado pelo público. Neste contexto, se destacam artistas como Wilson Simonal, que em função de sua trajetória, chegou a representar um símbolo de identidade nacional, produzindo uma música que, agradou de um público mais popular à um público mais erudito, ditando moda, inovando e quebrando modelos pré-estabelecidos.

Palavras-chave: Música - Identidade - Wilson Simonal

Abstract: The Brazilian music, created from different styles and sounds, stood out in the sixties and seventies because of the fact that some artists used it to show their thoughts, to challenge the governmental system, or none of them, creating different speeches that enable us to know more about this historical context. There were, at that moment, a significant art creation in general, and the Brazilian music called attention to the growing cultural industry because of the great public interest. In this context, there are well known artists like Wilson Simonal, which, because of his career, happened to represent a symbol of the national identity, producing a style of music that pleased not only a folk public but also a selected and educated public, making a new style, innovating and breaking models that were already been established.

Key words: Music - Identity - Wilson Simonal.

Na contemporaneidade, a busca pelo conhecimento histórico se torna cada vez mais complexa pela possibilidade da utilização de fontes variadas, oficiais ou não. Nesse sentido, a utilização da música, que foi produzida por sujeitos heterogêneos, na sua forma de pensar e agir, tendem a relatar algumas experiências e vivências representadas a partir de situações cotidianas, vindo a demonstrar sentimentos, expectativas, frustrações, desejos e ideologias, num determinado momento histórico.

A música brasileira se apresenta com grande diversidade de estilos e sons percebida ao longo dos tempos. Na atualidade, ela disputa espaço com as estrangeiras, mas já teve seus momentos de glória, tendo a preferência do público brasileiro, como percebido nas

* Mestranda em História pelo curso de Pós-graduação stricto sensu em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

décadas de 1960 e 1970, período este marcado pela ditadura dos governos militares que, apesar da censura e repressão, não conseguiu inibir muitos artistas de produzirem sua arte.

Ao contrário, muito se produziu nesse momento, fazendo surgir os mais variados sons e estilos musicais, como Bossa Nova, MPB, Jovem Guarda e Tropicalismo, para citar alguns mais expressivos, e promoveu diferentes representações, tais como música como “arma política” ou engajada, a busca por uma música popular e brasileira, a música “alienada” ou descompromissada das questões políticas, dentre outros.

Neste cenário múltiplo e controverso, muitos artistas se destacaram por sua produção artística, considerados atualmente ícones de uma época marcada por transformações tanto políticas e econômicas quanto sociais e culturais, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Carlos Lyra, Elis Regina, Jair Rodrigues, Roberto Carlos para citar alguns. Destacou-se também Wilson Simonal, um cantor que chegou a ser mais popular que Roberto Carlos e circulou por esse universo musical do período, marcado pela diversidade.

A obra de Wilson Simonal se desenvolveu num momento em que o Brasil estava vivenciando o chamado período da Ditadura Militar Brasileira, iniciado em 31 de março de 1964, quando os militares desferiram um golpe na democracia brasileira, através da chamada Revolução de 64, implantando um governo de linha dura e pouco diálogo. A alegação para tanto era o discurso da Segurança Nacional em função do “Perigo Comunista” por receio de comunistas aqui se instalarem, em função do contexto histórico mundial vivido pela Guerra Fria, disputa ideológica entre EUA e URSS, onde ambos almejavam a hegemonia de seus sistemas sendo Capitalismo e Socialismo, respectivamente.

A América Latina estava em meio a essas questões todas, especialmente após a Revolução Cubana, feita por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara no final dos anos 50, por ter implantado o Socialismo em seu país, deixando atônico os norte-americanos. Receosos de que essas idéias se espalhassem pela América como um todo, muito em função do atuante papel de Ernesto Che Guevara, os norte-americanos passaram a exigir um posicionamento de países como o Brasil, que o faz em favor do sistema capitalista, implantando uma Ditadura..

Mas este momento foi significativo em termos de produção cultural, seja na música, no cinema ou no teatro. A música brasileira dessa época além de ter muita popularidade com seus diversos públicos e estilos, despertou o interesse do público, como o caso do disco “Dois na Bossa”, de Elis Regina e Jair Rodrigues de 1965. Este disco “tornou-se o disco de música brasileira mais vendido da história”(CASTRO,1990:373).

Nesse contexto sócio-cultural que abrangeu principalmente as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, considerados centros da difusão cultural do país, em função da vinda das

grandes gravadoras, é que Wilson Simonal cresceu e desenvolveu o gosto pela música, iniciado ainda garoto num internato, ampliando-se no exército, onde fazia shows particulares à oficiais.

Quando saiu do exército, passou a cantar de bar em bar, na cidade do Rio de Janeiro, chamando a atenção de Carlos Imperial, um dos mais respeitados produtores musicais da época e que se especializou em produzir uma música mais comercial, popular e vendável, como fez com a carreira de Simonal. Este por sua vez levou-o ao seu programa “Os Brotos comandam”. De boate em boate, chegou ao templo da Bossa Nova, O Beco das Garrafas, em Copacabana no Rio de Janeiro e conviveu com artistas como Carlos Lyra, Elis Regina, Chico Buarque, dentre outros. A chegada de Simonal ao Beco das Garrafas provocou espanto e admiração.

“...quando surgiu no Beco, em 1963, provocou uma sensação que é hoje indescritível e talvez inacreditável. Ele era apenas o máximo para seu tempo: grande voz, um senso de divisão igual ao dos melhores cantores americanos e uma capacidade de fazer gato e sapato do ritmo, sem se afastar da melodia” (CASTRO, 1990:362)

Este era o lugar onde a boemia carioca se reunia para apresentações musicais. Segundo Nelson Motta, todos os grandes artistas deste período por lá passaram. Dizia-se que era o templo da bossa nova e outras tendências. Lá se reuniram cantores amadores e profissionais, produtores, cineastas, teatrólogos. Havia diversos barzinhos onde os artistas se apresentavam e trocavam suas experiências.

Foi neste lugar que Simonal começou a mostrar sua música e seu estilo, até que Carlos Imperial lhe compõe aquele que será seu primeiro sucesso, um chácháchá chamado *Terezinha*. Simonal empolgou os frequentadores do Beco, aprendendo novas estratégias para suas apresentações. Conheceu então Lenie Dalle, um bailarino norte americano, que estava em descanso no Brasil das gravações do filme Cleópatra. Ao conhecer o Beco das Garrafas, propõe a artistas como Simonal e Elis Regina, uma mudança nas apresentações, trazendo mais agitação e movimento aos seus espetáculos. Simonal que já era todo irreverente, passou a adotar algumas técnicas de Dalle em seus shows. Gravou seu primeiro disco em 1961, com 78 rotações: de um lado, o chá-chá-há *Terezinha*, do outro, o calipso-rock *Biquínis e Borboletas*, duas músicas alegres e divertidas, com repertório que falava da beleza da mulher e do mar. Em 1963, lançou seu primeiro disco de grande projeção “Wilson Simonal tem “algo mais”” e destacou-se por unir Bossa Nova com orquestra.

Além de Imperial e Dalle, Simonal também conheceu no Beco, Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli e Carlos Miélli que tentaram afastá-lo da influência de Carlos

Imperial, propondo uma música mais sofisticada , com um material mais original, com músicas como “Telefone”, “Ela vai , ela vem”, “Mais valia não chorar”. Segundo Rui Castro, Simonal era perfeito também para coisas jazzísticas como “Naná”, de Moacyr Santos e tornou-se o melhor interprete de Jorge Bem até “País Tropical.”

“Naquela fase ele era capaz de encaixar as bossas mais surpreendentes num tema e torna-lo irresistível. Mas, quando só as bossas passaram a ser importantes em seu estilo, Simonal ficou repetitivo e voltou a esfera de Carlos Imperial. Em 1966, já estava cantando “mamãe passou açúcar ni mim”.(CASTRO, 1990:363)

Logo Simonal , o Simona como foi chamado, caiu nas graças do público, tornou-se popular, tanto que dividiu com Elis Regina a apresentação de um programa na TV Record, O Fino da Bossa. Mas teve um programa próprio, chamado Show em Si...monal, em 1966/67, pela mesma emissora de TV, tornando-se uma grande estrela do show biz, num estilo musical que misturou Bossa Nova com o samba. Esse estilo que criou era a tal da Pilantragem, misturando Samba, Bossa Nova e Swing. “A convivência diária de Simonal, Imperial e Mariano fez surgir um estilo popular, mais novo e diferente de tudo o que estava acontecendo. Enquanto bossa nova, tropicália e artistas como Roberto Carlos dividiam a cena musical da época, o que estava “deixando cair” mesmo era a “pilantragem””.(HERCULANO,2004:01)

Ser um pilantra nessa época era coisa de quem estava ligado nas novidades, de ser oportunista, coisa essa que Simonal levou muito a sério. Numa entrevista, Simonal declarou: “ Quando falo de Pilantragem, o público sabe o que é. Só a imprensa não sabe. Pilantragem é uma posição otimista; se o mundo vai mal, a pilantragem se preocupa em saber o que é possível fazer no sentido de melhorar, no sentido de divertir o povo. É o descompromisso com a inteligência.”(SIMONAL apud SILVA, 1969:147).

Com essa pilantragem, quebrou modelos pré-estabelecidos como no caso da Bossa Nova. A bossa nova não teve muito interesse em popularidade, até porque era uma música mais requintada, com semelhanças ao estilo jazzístico norte americano, considerada por alguns críticos como música intimista, de melodias veladas, poesia intelectualizada e ritmo acentuado, e não teve penetração junto às massas.

Sua carreira se destacou entre os anos de 1963 a 1975, num período em que muito se produziu para a música brasileira. Neste momento, a música brasileira esteve no auge, devido ao interesse das gravadoras e dos festivais da canção, festivais estes que foram espaços de exibição de novas composições e novos artistas, uma espécie de vitrine do “viria por aí”, para demonstrar novas criações da música brasileira.

Ficou conhecido como um “show man”, pelo grande público que atraiu, pelo estilo de vida que levou, pelas festas que participou, ditou moda, com seus bonés e óculos escuros grossos, falando gírias. Simonal foi “um *showman* irresistível, capaz de transformar o público em imenso coral; o primeiro cantor negro a comandar um programa de TV (*Spotlight*, e mais tarde *Show em si monal*), o lançador de modas, gírias e estratégias de marketing”. (ARAGÃO, 2004:01).

Exerceu grande poder ao animar e despertar reações calorosas no público, apesar de todo controle exercido pelos militares, como no episódio do show no Maracanãzinho, no Festival Internacional da Canção em 1966 em que regeu um coral de mais de 30.000 vozes, fato este que impulsionou sua carreira artística, tanto no cenário nacional quanto internacional..

Este episódio fez com que fosse procurado pela Shell, empresa multinacional, que assinou com Simonal em 1969/70, um dos contratos mais cobiçados pelos artistas do período, entre 3 e 300 milhões de cruzeiros por mês, durante um ano, diz J.C. Magaldi, assessor especial da Gerência de Comunicações de Marketing da Shell.

Esta empresa foi a patrocinadora da seleção brasileira de futebol, e buscou em Wilson Simonal, financiar eventos que reforçassem a imagem de excelência do Brasil. O cantor passou a ser visto como “um herói da classe trabalhadora, transformado em superstar, um soulman que trafegava pela tradição e pela contemporaneidade, seu garoto propaganda perfeito”, pois contribuiu para propagar uma imagem de “Brasil – tudo vai dar certo”, especialmente quando esteve junto à recepção da seleção brasileira de futebol de 1970, num momento em que a ditadura se intensifica.

Em 1970, o cantor foi escolhido para acompanhar a seleção brasileira de futebol à Copa do Mundo. A atuação dos maiores artistas das duas grandes especialidades brasileiras – música e futebol – foi vitoriosa: Simonal em campanha de sucesso e Brasil tricampeão. (HERCULANO, 2004:01)

Com canções de repertório e arranjos melódicos, tais como “Meu Limão, meu Limoeiro”, “Escravos de Jô”, “O Elefante e a Formiga”, “Mamãe passou açúcar ni mim”, e outras que, segundo críticos musicais, tinham arranjos mais apurados, de alto nível e sofisticação, como “Sá Marina”, “Lágrima Flor”, “Nana”, para citar algumas, Simonal se tornou um astro da música brasileira.

Sua participação nas produções culturais do período entre 1963/1975, ocorreu num contexto em que alguns artistas tinham como objetivo utilizar sua arte para fazer uma crítica às questões sociais, ou seja, usar a arte como “arma política”. Este engajamento muito se deu a partir da criação do Centro Popular de Cultura (CPC) em 1962, pela UNE, que teve

entre seus idealizadores, Carlos Estevão Martins. O objetivo foi de promover uma crítica às questões sociais políticas e econômicas, da dependência cultural, para alertar a sociedade aos problemas de pobreza, do subdesenvolvimento, além de questões ligadas ao nacionalismo, e utilizaram filmes, peças de teatro, e da música para atingir as classes populares.

“...o artista despolitizado, alienado, romântico, está totalmente alheio em face dos problemas sociais e concretos vivenciados pelos homens em realidades históricas cronologicamente determinadas.(...) o artista despolitizado, defensor da arte pela arte, transformava-se numa presa fácil ou numa vítima dócil, ou ainda, num instrumento de classe dominante, em função da produção de obras sintonizadas com o status quo, ou antipopulares.”(MARTINS,C. apud.CONTIER,1998:24)

Muitos artistas utilizaram estratégias técnico-poéticas para se fazer entender pelo público, pois alguns queriam atingir as classes mais populares, com performances mais simples e teatralizadas, em sua música. Esse era o discurso de alguns artistas que se identificavam como engajados, mas no entanto, outros optaram em demonstrar em suas canções, temas, como o amor, os carros bonitos, o mar, as mulheres, etc., como na canção interpretada por Wilson Simonal, “Garota Moderna”, presente em seu LP Wilson Simonal de 1965.

*Tão bonita que é ela é
Cabelos lisos como eu nunca vi
Camisa esporte sobre a calça Lee
Um ar esnobe de quem nada quer
Lá vai ela e pensa que é mulher...¹*

Como percebeu-se na canção acima, assim como Simonal, outros artistas também optaram em representar em suas composições ou interpretar músicas que tematizavam sobre as belezas do Brasil e de sua gente como a turma da Jovem Guarda, por exemplo.

Considerou-se este tipo música como “popularesca” e comercial, criou-se controvérsias nos grupos engajados mais exaltados, ligados às questões político-sociais, e estereotipou-se essa música como “alienada”. Com isso, surgiu nesse contexto uma discussão defendeu a criação de uma identidade à música brasileira, no sentido de criar um estilo de canção que identificaria a nação brasileira. Surgiu então a Música Popular Brasileira – MPB, que encontrou no samba carioca, uma referência para a construção dessa identidade.

A constituição dessa identidade esteve muito ligada às questões nacionalistas, pois a pretensão de buscar uma identificação à música popular brasileira foi em função da presença de ritmos estrangeiros, por querer mais espaço neste momento histórico. Percebeu-se então, como as identidades foram criadas, e que, assim como a MPB criou uma identidade para sua música, também o fez Wilson Simonal, com um repertório variado, indo do

¹ letra completa disponível no sítio: <http://sombrasil.ig.com.br/cifras>, acessado em 18/09/2006.

folclórico ao sofisticado. Ter se tornado um cantor de grande popularidade não significou cantar uma música popular, produzida para as classes populares simplesmente, pois Simonal cantou muito sobre a zona sul, para um público que era da zona norte e que frequentou muitos de seus shows. Ou seja, ora Simonal se identificou à um público mais popular ora a um público mais erudito.

Segundo Tomaz Tadeu Silva, as constituições de identidade nunca são inocentes, pois estão ligadas a um jogo de interesses e de poder. Afirmar uma identidade pressupõe diferenciar-se da identidade do outro. “A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido á práticas e a relações sociais definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído.”.(SILVA, 2000: 81)”.

Simonal representou um ícone de brasilidade, daquele que melhor representou o povo brasileiro, do herói da classe trabalhadora. Mas o povo não é um todo homogêneo, portanto, nem todos compactuaram dos mesmos ideais e nem todos compreenderam essas representações da mesma forma, pois foram vistas e entendidas por sujeitos diferenciados, que segundo seus valores, deram novo significado a essas identidades.

O que houve neste momento foi uma disputa de representações, pois mostrou que de um lado, alguns sujeitos utilizaram sua arte voltada ao engajamento e representou-se como símbolo daquilo que deveria ser o certo e estigmatizou aqueles que, por outro lado, não comungaram dos mesmos ideais, por ter preferido fazer uma música apolítica.

No entanto, o fato de Simonal dizer que não esteve aliado nem ao regime militar e nem participou das questões de engajamento, por querer apenas produzir sua música, representou um certo desinteresse pelas questões sociais, justamente por aquele que simbolizou uma identidade nacional. Esse não assumir posição declarada consistiu de certa forma, em assumir um tipo de posicionamento que não foi aceitável nesse momento.

Então, quando surgiu o boato de que foi um informante dos militares, sua falta de posicionamento definido lhe custou sua carreira, que marcada por glamour e sucesso, caiu ostracismo irrecuperável.

Referências Bibliográficas:

- ALEXANDRE, Ricardo. **Biografia de Wilson Simonal**. São Paulo: Emi/Odeon, 2002.
ARAGÃO, Helena. **O som do rei da pilantragem está de volta**. Jornal do Brasil on-line em 21/05/2004, disponível em: <http://jbonline.terra.com.br>, acesso 12/07/2006.
CASTRO, Rui. **Chega de Saudade: A História e as Histórias da Bossa Nova**. São Paulo: Cia. Das letras, 1990.

- CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CONTIER, Arnaldo D. Edu Lobo Carlos Lyra: **O Nacional e o Popular na Canção de Protesto(anos 60)** in Revista Brasileira de História:Dossiê Artes e Linguagens. São Paulo:Humanitas, 1998, vol.18,nº 35,
- FALCON, Francisco.**História Cultural – Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**.Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- HERCULANO, Mônica. **Wilson Simonal – O rei do pa-tro-pi**. Revista on-line Digestivo Cultural de 26/04/2004 , disponível em: <http://www.digestivocultural.com/>, acesso em 25/06/2006.
- MOTTA,Nelson.**Noites Tropicais:solos, improvisos e memórias musicais**.Rio de Janeiro:Objetiva,2001.
- NAVES, Santuza Cambraia. **Da Bossa Nova à Tropicália**. Rio de Janeiro,:Zahar, 2001
- NAPOLITANO, Marcos.**Seguindo a canção: engajamento político e industria cultural na MPB(1959-1969)**.São Paulo:Annablume:Fapesp,2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu(org). **Identidade e Diferença. A Perspectiva dos estudos culturais**.Petrópolis-RJ:Vozes,2000.
- SILVA, Milton Severiano da, **“Este homem é um Simonal”** in Revista Realidade.Dezembro de 1969, ano Iv, nº 45, p.136-148.